



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da II Reunião de Chefes de Estado e de Governo dos Países da Comunidade Sul-Americana de Nações (CASA)

Cochabamba-Bolívia, 08 de dezembro de 2006

Querido companheiro Evo Morales, presidente da República da Bolívia,
Nossa querida Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,
Meus companheiros e amigos presidentes dos demais países da América do Sul e da América Central,

Querido companheiro Daniel Ortega, recém-eleito presidente da Nicarágua,

E nosso companheiro Rafael Correa, recém-eleito presidente do Equador,

Amigos chanceleres,

Ministros,

Representantes dos movimentos sociais,

Amigos e amigas da América do Sul,

É uma honra abrir os trabalhos desta reunião da Comunidade Sul-Americana de Nações. Agradeço ao presidente Evo Morales e ao povo boliviano pela hospitalidade com que nos recebem aqui, em Cochabamba. Este encontro é um momento decisivo em nosso processo de integração. As recentes eleições na região reafirmaram a vocação democrática do continente sul-americano. Reafirmaram, também, o compromisso de nossos povos com a construção de um destino comum de paz, desenvolvimento e prosperidade para todos.

Queremos uma América do Sul mais unida politicamente, mais forte e articulada no plano econômico e comercial, capaz de reduzir as assimetrias



entre nossos países, mais próxima dos cidadãos e sensível à diversidade cultural do Continente. Acima de tudo, queremos uma América do Sul socialmente justa.

Caros colegas,

Às vezes me pergunto porque demoramos tanto para transformar a integração em realidade. Por que, em dois séculos de vida independente, somente nos últimos anos os chefes de Estado sul-americanos começaram a se reunir, tendo a integração como preocupação central. A América do Sul é uma das últimas regiões do mundo a se articular politicamente em torno de um projeto de integração. Despertamos, há pouco tempo, para a necessidade de unir o Atlântico ao Pacífico, o Caribe à Patagônia, integrando a Amazônia, os Andes, o Altiplano, o Grande Chaco, o Pantanal e a Bacia do Prata.

O mundo atual é cada vez mais complexo e competitivo. Não há espaço para o isolamento. Nenhum país, por maior que seja, por mais expressiva que seja a sua economia, consegue promover seus objetivos nacionais isoladamente.

A construção da Comunidade Sul-Americana de Nações não é um projeto excludente. Nossa integração se dá em diferentes planos. Somos membros do Mercosul, do Tratado da Bacia do Prata e do Tratado de Cooperação Amazônia. Pertencemos ao Grupo do Rio e à Aladi. Temos afinidades históricas e estreitos vínculos econômicos com a Comunidade Andina de Nações. Somos solidários com o destino dos países centro-americanos e caribenhos.

A Comunidade Sul-Americana não substitui esses esforços. Devemos valorizar os mecanismos de integração existentes, com a plena participação de todos os países sul-americanos. Devemos, também, consolidar a atuação internacional da América do Sul. Fomos protagonistas de uma experiência inédita ao realizar, em 2005, uma reunião de cúpula da América do Sul com o Mundo Árabe.



Há poucos dias estivemos na Nigéria, assentando as bases de um novo relacionamento entre a África e a nossa região. E temos a ambição de realizar uma reunião de cúpula com a Ásia, com ênfase nas oportunidades de negócios.

Estamos ajudando nossos irmãos haitianos, sob a égide das Nações Unidas. Estamos dando ao mundo uma demonstração da nossa vontade coletiva de assumir responsabilidades no campo da paz e da segurança.

Da mesma forma, a participação de muitos países de nossa região que integram o G-20, se empenham em reconstruir as relações comerciais em bases mais justas e equilibradas. O fortalecimento de nossa coesão ampliará nosso peso negociador e nossa capacidade de inserção internacional.

Meus amigos e minhas amigas,

A América do Sul é hoje uma grande área de livre comércio. O acordo Mercosul-CAN, que entrou em vigor no ano passado, foi o primeiro passo e já mostra resultados. Nos dez primeiros meses de 2006, só o comércio do Brasil com a América do Sul totalizou mais de 34 bilhões de dólares, o que é mais que em todo o ano passado. Temos que trabalhar na construção de preferências regionais em novas áreas, incluindo serviços, investimentos, compras governamentais e política de concorrência. O livre comércio é um instrumento, não um fim em si mesmo. Ele abre novas oportunidades, reduz as assimetrias e combate as desigualdades sociais da região, cria mais empregos e melhores condições de vida para todos. Por isso, queremos um comércio que gere benefícios equilibrados.

O Brasil está empenhado em aumentar suas importações da América do Sul. Somos também favoráveis a estender, automaticamente, às economias menores da região, as concessões estabelecidas nos acordos comerciais firmados pelos países sul-americanos. Temos que fomentar um número maior de parcerias produtivas entre nossas empresas, criar cadeias produtivas regionais que aproveitem as sinergias existentes, sobretudo em áreas



estratégicas, como a indústria aeronáutica, construção naval, medicamentos e bens de uso militar.

Gostaria de propor a realização, no primeiro semestre de 2007, de uma reunião de ministros de Indústria, para articular ações que permitam desenvolver indústrias e consórcios regionais nas áreas que definamos como estratégicas. Precisamos, também, aumentar o volume de investimentos de nossas empresas na própria região. Entre 2003 e 2005, as empresas brasileiras realizaram investimentos diretos no valor de 16 bilhões de dólares na América do Sul. Em 2006, esses investimentos registraram uma expansão substancial. Também queremos receber, e temos recebido, mais investimentos de nossos vizinhos.

O principal déficit de integração em nossa região ainda é na área de infra-estrutura de transportes e comunicações. A América do Sul é um continente que ainda não se comunica de forma satisfatória. O Brasil tem procurado dar a sua contribuição. Com recursos do Banco do Brasil e do BNDES, financiamos dezenas de projetos de infra-estrutura nos países vizinhos nos últimos anos, totalizando mais de 4,2 bilhões de dólares.

Estabelecemos, também, uma linha de financiamento do BNDES para desenvolver parcerias produtivas entre empresas brasileiras e de outros países sul-americanos. Devemos desenhar, agora, com a participação das companhias aéreas, um programa sul-americano de fortalecimento de conexões aéreas, com atenção especial ao fomento do turismo e dos vôos regionais, tendo como base as conclusões da Segunda Reunião dos Ministros e Altas Autoridades do Turismo na América do Sul, recentemente realizada em Porto Alegre, Brasil.

Para construir uma efetiva infra-estrutura, precisaremos de instrumentos financeiros adequados. Proponho que se examine, o quanto antes, o estado de implementação dos projetos da agenda da IIRSA, para rever prioridades e obter os financiamentos necessários. Não faltam recursos em nossa região.



Temos que canalizar a poupança regional, que hoje alimenta a ciranda financeira para os investimentos produtivos.

Precisamos desenvolver, com urgência, um sistema financeiro sul-americano, a partir da coordenação entre os bancos nacionais e regionais de desenvolvimento e da valorização dos mecanismos já existentes, como a CAF e o CCR da Aladi.

Precisamos, também, desenhar um mecanismo específico de garantias, que leve em consideração a situação particular das nossas economias, sobretudo as mais vulneráveis.

Temos que continuar estimulando iniciativas como as trocas comerciais em moedas nacionais. A experiência adquirida com esses ensaios de integração financeira, que devem ser graduais e conforme as possibilidades de cada país, contribuirá para a futura criação de um verdadeiro banco sul-americano de desenvolvimento.

Meus caros colegas,

A integração energética, ao lado da infra-estrutura, será um dos motores da Comunidade Sul-Americana de Nações. Esses dois pilares representam para a América do Sul o mesmo que o carvão e o aço significaram para a integração europeia nos anos 50.

Nossa região dispõe de uma das maiores reservas de recursos energéticos do mundo. O desafio está em promover investimentos e associações estratégicas, que permitam sua utilização em termos justos e com benefício para todos.

A integração energética sul-americana deve ter como fundamentos a segurança de acesso, a justa remuneração, a preocupação com a preservação ambiental, a inclusão social e a estabilidade das relações jurídicas.

Será importante realizar, ainda em 2007, uma reunião extraordinária de chefes de Estado da Comunidade, para tomar as decisões estratégicas necessárias ao planejamento da integração energética. Nossa agenda poderia,



inicialmente, incluir três metas fundamentais: Coordenar esforços na exploração e distribuição de petróleo e gás; ampliar a interconexão elétrica entre nossos países; e aprofundar a cooperação em matéria de combustíveis renováveis, como o etanol, o biodiesel e o H-Bio.

Caros amigos e amigas,

A integração sul-americana somente fará sentido se for abraçada por todos os nossos cidadãos e se for entendida em sua dimensão humana e solidária, contribuindo para a superação dos grandes flagelos de nosso continente: a pobreza e a exclusão social.

Por essa razão, precisamos definir, como propõe o presidente Evo Morales, uma vigorosa agenda social sul-americana, com metas específicas e mecanismos de seguimento de sua implementação. Quero repetir este texto: por essa razão, precisamos definir, como propõe o nosso companheiro Evo Morales, uma vigorosa agenda social sul-americana, com metas específicas e mecanismos de seguimento de sua implementação.

Precisamos caminhar rumo a uma cidadania sul-americana, entendida em seu sentido pleno. O acordo sobre isenção de vistos e passaportes, assinado em Santiago do Chile, é um passo importante nesse caminho. Um projeto tão amplo como o da nossa Comunidade precisa contar com instituições que permitam realizar nossos projetos, vencendo o conformismo burocrático e a falta de sentido de urgência para a consecução de nossos planos.

Por isso, o Brasil apóia com entusiasmo as propostas elaboradas pela Comissão Estratégica de Reflexões, que trabalhou durante este ano, a nosso pedido, e que inspira grande parte de nossas decisões hoje. Se queremos uma Comunidade forte, é preciso dotá-la dos instrumentos necessários. Cedo ou tarde deveremos assumir certo conteúdo de supranacionalidade no processo de integração.

É por isso que vejo, com muito interesse, a idéia da criação de uma



comissão permanente de altos funcionários, apoiada por uma secretaria que, durante o próximo ano, teria sede no Rio de Janeiro. Depósito grande expectativa no trabalho a ser encomendado aos grupos da comissão, nas áreas de infra-estrutura, energia, políticas sociais e integração financeira. Passo decisivo para o futuro dessa integração será a negociação de um acordo ou tratado constitutivo que dê consistência jurídica, densidade político-institucional e identidade internacional à nossa Comunidade.

Espero que na próxima reunião de Cúpula possamos assinar esse tratado. Quero concluir, chamando a atenção para algo essencial de nosso projeto. A Comunidade Sul-americana das Nações tem de constituir-se em estreita relação com os movimentos sociais, dialogando com os povos originários, com os afrodescendentes, com mulheres e jovens e, sobretudo, com os trabalhadores. São esses atores sociais e políticos que estão escrevendo a história atual da nossa América, abrindo um futuro de esperanças renovadas.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu sempre tenho uma preocupação quando fazemos um encontro entre brasileiros e latino-americanos, porque nem sempre os latino-americanos entendem português e nem sempre os brasileiros entendem os latino-americanos. E eu tenho consciência de que cometi um erro muito sério de não pedir para que houvesse um intérprete durante o meu discurso. Eu fico olhando para a cara do Chávez e sei que ele tem dificuldade para entender o português e, muitas vezes, eu fico conversando com o companheiro e eu não entendo todas as palavras em espanhol. Porém, eu queria dizer umas últimas palavras em português.

Chávez, eu e você fomos reeleitos presidentes de nossos países. Só nós dois e o companheiro Uribe, também, reeleito. Estou dizendo... (inaudível) também foi reeleito. Por que eu quero dizer essas palavras? Porque todos nós que somos reeleitos presidentes, com uma vontade imensa de fazer muitas



coisas e que fazemos protocolos de intenção com nossos (inaudível) internacionais, nos nossos encontros bilaterais sentimos, às vezes, uma frustração, porque os acordos que são fáceis de fazer entre... (falha na gravação) fica paralisado em várias instâncias burocráticas, do financiamento...

Chávez, eu e Uribe, que estamos eleitos, temos a obrigação política de aproveitar a experiência dos primeiros anos de mandato para não permitir que os acordos firmados entre os presidentes sejam apenas mais um documento que fica paralisado na mesa de um burocrata dos nossos países. Não, não é possível. Às vezes os presidentes decidem, falam com a imprensa e, um ano mais tarde, um ano depois, não aconteceu nada. Por quê? Porque tem mais artigos para proibir do que para permitir. Eu estou convencido e tive uma experiência com o Chávez ontem, em Brasília, há um ano redigimos um acordo para construir uma refinaria PDVSA-Petrobras. Quando nos reunimos lá, percebemos que os técnicos tinham mais divergências que acordos, quando já tinha a decisão dos dois presidentes para evitar isso.

Eu penso que, de agora em diante, cada acordo e cada documento da Comunidade Sul-Americana e do Mercosul, cada acordo bilateral tem que ter um grupo executivo diretamente ligado às presidências da República para acompanhar a execução desse protocolo porque, senão, não sai.

Por último, meu querido companheiro Evo Morales – como ele me chama de irmão mais velho, vou chamá-lo de irmão mais novo – eu vinha, na viagem, com Rafael Correa. Eu me levantei e entrei na cabine do avião, antes que o avião pousasse no aeroporto de Cochabamba, e me dei conta de que a Bolívia é exatamente o centro da América do Sul. Fiquei pensando, imaginando como seria fantástico... já temos a sede do Mercosul em Montevideu. Que fantástico será o dia em que teremos um parlamento da América do Sul ou um parlamento da América Latina em uma cidade como Cochabamba, porque o carinho demonstrado pela gente de Cochabamba nas ruas, quando vínhamos para essa reunião, demonstra claramente que o povo boliviano é um povo que



tem um sentimento (inaudível) e um sentimento de paz extraordinários. Por isso, eu espero que possamos construir esse sonho antes de terminar o nosso mandato e, quem sabe, possamos instalar esse parlamento muito antes.

Meus queridos companheiros e companheiras, meu querido Presidente, muito obrigado pelo carinho que vocês me dedicaram durante os primeiros quatro anos. Eu saberei retribuir o carinho durante os próximos quatro anos.

Muito obrigado.